

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

A educação e o collegio de S. Vicente de Paulo em Felgueiras, pelo P.º Senna Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, Pastoral de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Será ignorante o clero?* (continuação), por J. M. R. Valente; *Sempre calumniadores*, por D. P. D. R. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem-macaco*, pelo P.º Francisco Sanches, (continuação). — SECÇÃO CRITICA: *A onda a subir*, por Elias de Sampaio; *Exame critico de um mau livro* (continuação), pelo P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares. — SECÇÃO HISTORICA: *O presente e o preterito da Alemanha*, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos. — SECÇÃO LITTERARIA: *Primavera*, poesia por Manoel Maria Fructuoso. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE MARÇO DE 1881

A EDUCAÇÃO

E O

COLLEGIO DE S. VICENTE DE PAULO EM FELGUEIRAS

O problema da educação torna-se cada vez mais difficil á proporção que os elementos deletorios que fermentam e lavram na sociedade se insinuam nas proprias instituições destinadas á educação da juventude. Refiro-me especialmente aos collegios.

Onde se devêra de encontrar, intimamente entramada com a instrução litteraria e a educação physica, a iniciação moral e ainda religiosa inoculada no coração maleavel do adolescente, encontram-se não raro eschololas de costumes mais que equivocos, hem pouco idoneas para tranquillisarem a consciencia dos progenitores.

Considera-se a questão da educação, não como um *sacerdocio* augusto senão como uma questão puramente mercantil ou como um contracto financeiro, e o pedagogo desce, sem côr, da posição de segundo pai da infancia que a sociedade lhe conferio á de sordido mercenario. Faz do collegio um balcão de logista e expede alumnos munidos de preparatorios como quem expede caixotes empacados de qualquer mercadoria, mediante uma estipulação commercial. Entende que o objecto da transacção feita com os pais dos alumnos se limita á educação litteraria e tem, portanto, como impertinente qualquer outro alvo no desempenho do dever que lhe incumbem. Quero ser exacto; admitto que se attenda igualmente um pouco á educação physica (que por certo não é para des-

curar) e não se negligencie de todo o dar aos escholares esse verniz social que se chama a civilidade, mas feito isto está o director convencido que preencheu completamente a sua missão e que pode *tirer l'echelle*. D'aqui resulta o não empregar o minimo esforço para implantar nos escholares os principios elementares de uma educação *moral e christã*, unicos que podem fazer do adolescente mais que um talento cultivado, mais que um bacharel, mais que um litterato, mais que um empregado publico, a saber — um homem —, a cousa mais rara que hoje se pode ver, e que d'aqui a alguns annos será uma curiosidade, um phenomeno tão assombroso como o tratado de Lourenço Marques ou a voz de Adelina Patti.

Para quejandos collegios a disciplina méramente exterior, a subordinação *ad oculum* hypocritamente observada e conscientemente admittida é muito bastante. Quanto ao mais fecha-se os olhos a mil abusos e ás consequencias de uma liberdade concedida, tão demasida quanto funesta.

Ora um pai dotado dos sentimentos proprios do mandato tremendo que exerce sobre seu filho, não pode ser indifferente a este estado de cousas, nem, por conseguinte, flar indistinctamente os fructos do seu amor de qualquer estabelecimento de educação. O menor inconveniente do seu estoicismo reprehensivel seria frustrar a parte por ventura mais momentosa das suas intenções, ao alienar interinamente entre as mãos de um director de collegio, a quasi totalidade dos direitos paternos. Tem, para logo, de fazer uma prudente escolha entre collegio e collegio e de optar de preferencia por aquelle que lhe offerecer mais garantias de uma educação *completa*.

Dou de contado que os desares que

acima apontei se referem especialmente aos estabelecimentos destinados aos jovens do sexo masculino. Mas, certo, nem só n'elles a questão de educação é tida por um commercio e mais ou menos descurada a iniciação moral e religiosa das alumnas. Evidencia-o a experiencia. Que optimas mães de familia nos estão dando os collegios femininos, e que excellentes viveiros não são aquelles da *mulierem fortem!*...

Todavia, é ainda assim consolador que já tenhamos no nosso paiz um bom numero de casas de educação, ás quaes os progenitores, sem receio algum, podem entregar seus filhos, certos de que estas flores domesticas, objecto de tão encendrado disvelo, ganhem que não percam com a transplantação. Não vem para aqui enumerar esses collegios e elogial-os individualmente.

Por agora pretendo apenas inculcar um d'elles. E' o collegio de meninas, estabelecido no alto do monte de Santa Quiteria em Felgueiras, e intitulado «collegio de S. Vicente de Paulo.»

Data de pouco na sua forma habitual e definitiva. E' fundador d'elle o Rev.º padre Joaquim José Alvares de Moura, um d'esses homens de uma vontade de ferro, que o proprio impossivel parece respeitar. A sua vida, farta em annos, é um livro cerrado de boas obras. Na pureza e elevação dos seus intentos demora o segredo do muito que tem trabalhado e realisado. Falla pouco, como os homens que uma idea grave preoccupa e persegue, ruminando consigo e perante Deus o que plança por obra. Envida as engenhosas industrias do zelo christão, pede, collecta, espera, paciencia mezes ou annos, e chegada a hora opportuna lá principiam as construcções de um collegio. Perante a intersecção dos obstaculos não desalen-

ta, descança e aguarda o vento de molde. Mal a atmosphera lh'o traz, avança pressuroso na sua rota e os trabalhos concluem-se como por encanto.

Para feriar-se d'estas fainas ingratas dá missões pelas provincias do norte do reino, e a perna enferma que arrasta a custo, ha mais de vinte annos talvez, não o tolhe de andar o caminho dos gigantes nas obras de Deus *ut gigas accurrendam viam*. O seu nome é tão conhecido, designadamente no Minho, que dá pretexto á minha amizade (talvez suspeita) para não protahir mais um louvor justissimo, melhor estabelecido pela sua vida do que o podera rastrear a penna mal apontada de um collega seu.

Atravez de aturados sacrificios conseguiu installar no cume do monte de Santa Quiteria um collegio para meninos. E' sabido se este tem ou não prosperado e os alumnos que de si tem deitado. A despeito da modificação directora e docente que soffreu de ha dous annos a esta parte, os briosos continuadores d'esse estabelecimento educador, acceitando a herança do nome glorioso que se lhes legava com o collegio que se lhes cedia, tem sabido não só conservar a mas enriquecer a por consideraveis melhoramentos executados. Honra lhes seja! Mas conseguido o seu primeiro ideal, o Rev.º Joaquim José Alves de Moura gisou edificar no mesmo local, porem um pouco já na espalda do monte, outro collegio para meninas. Lançados os alicerces, a edificação proseguiu sem notaveis intervallos, e hoje, se não está completamente terminado, já funciona com regularidade.

Que se pode exigir de uma casa d'esta natureza para corresponder á expectativa publica e ás exigencias dos pais de familias? Que a sua posição seja salubre, que as condições internas e hygienicas do edificio sejam vantajosas, que a educação physica, manual, litteraria, moral e religiosa das alumnas seja satisfatoria. São precisamente estes predicados, senão perfeitamente preenchidos, ao menos em grande escala attendidos e difficilmente reunidos n'outro qualquer collegio, que me propellem a recommendar aos pais de familia o alludido estabelecimento. A sua posição topographica não pode ser mais saudavel do que é. Fica elle na eminencia de uma collina, que forma, por assim dizer, o fundo do quadro da pitoresca villa de Felgueiras, sita na provincia do Minho, que passa por uma das mais salubres de Portugal. O ar que se respira n'aquella posição sobranceira é mais leve e oxygenado que o que se respira nos lugares baixos, o que perfeitamente se compadece com o pulmão sadio do escholiar, que só pede o ar livre e puro da montanha. A vasta esplanada fronteira ao collegio e por onde duas ou

tres vezes por dia vão retouçar as alumnas, foi socalcada de proposito não só para lhes servir de local de recreio mas para que diariamente possam gozar o beneficio d'esta atmosphera purissima e creadora.

Harmonisam com a posição vantajosa do collegio as suas condições hygienicas de construcção; espaçosos dormitórios e salas de trabalho e refeição, muito arejadas, isemplas d'essas infecções sulphúricas e d'esses miasmas corrosivos dos collegios das cidades, encravados no meio de casas e quintaes, onde os escholares mal quinhoam alguns metros de luz, de ar e de cêra.

Attende-se cuidadosamente á educação physica. O alimento não é delicado, mas, o que vale mais, é sadio e copioso, dando-se sempre a preferencia á alimentação plastica por mais substancial. O passeio é prescripto uma vez por semana e o jogo nas recreações é de regra, como condição physiologica do desenvolvimento organico. O artigo—aceio—é importantissimo em estabelecimentos d'este genero e sobre este ponto as exigencias dos pais são não menos justificadas que as que reclamam o desvelo na instrução de seus filhos. Não quero asseverar que o Collegio de Felgueiras prime n'este particular entre os demais do nosso paiz, mas visitei-o por mais que uma vez e fiquei sempre edificado com o aceio que observei assim nos dormitorios, salas e corredores como no traje e alinhio das alumnas.

Quanto á educação litteraria e manual, comprehende ella a instrução primaria e secundaria, compativel com um collegio de meninas; alem d'isso ensina-se piano e musica vocal, ensina-se a fazer costura, meia, rendas de crochet, flores artificiaes, laminas bordadas a prata e ouro, a bordar a floco de velludo, cartão, sobre vidro etc.

Quasi ocioso será declarar quam esmerada é alli a educação moral e christã, uma vez que foi esse o movel principal que determinou o seu fundador a crear aquella casa de educação, affirmo de contrapol-a áquellas em que tudo se ensina menos o que mais importa, e de abrir as suas portas aos filhos d'esses pais catholicos, que se não envergonham de rezar pelo credo velho; que entendem que uma senhora destituida de sentimentos moraes e religiosos é um ente apto para desempenhar-se nas mais profundas abjecções, e que, se é verdade que «a mulher, como diz Shakespeare, é um manjar digno dos anjos» é quando elle «não é preparado pela mão do diabo, mas pela mão providencial de uma educação religiosa.»

O pessoal docente do collegio não é por ora grande, mas ganha em *dedicação* o que lhe fallece em numero. Não

ha alli mercenarias, pode se dizer que ha mães, que elaboram a segunda e mais difficil gestação da creança, a que deve dar á luz, não um organismo a mais para o mundo senão a mulher que no seu coração leva para a sociedade a urna dos thesouros moraes que ella aguarda e a captivam, a mulher esposa d'amanhã e mãe do dia seguinte.

Todavia esperam-se todos o dias novas mestras *competentissimas*, para completarem o quadro do pessoal docente.

Por ultimo, accrescentarei que sobre serem preciosas todas as vantagens, que rareiam no mais dos collegios de meninas do reino, a questão economica vem rematar o seu elogio, porque a economia com que as alumnas alli vivem, por isso mesmo que vivem n'um lugar ermo, dispensa o luxo das cidades, tão custoso para os pais, e a cifra das mensalidades que se pagam é inferior (posso affirmar-o) á da maior parte dos outros collegios, se bem que não possa aqui desigua-la de um modo certo e positivo.

N'esta epocha nefasta que repercuta no seio dos proprios institutos de educação a sua influencia sensualista e até, não de maravilha, anti-religiosa; n'esta epocha, digo, em que se entende que se pode e se deve plantar a delicada planta da educação primeira e fundamental com as raizes para o ar, ou sem orientação alguma religiosa e moral, um collegio como o de S. Vicente de Paulo em Felgueiras, que, sobre fornecer todas as condições de um conveniente desenvolvimento physico, litterario, social, offerece aos chefes de familia a garantia segura de que suas filhas alli estarão a coberto das mundanidades, dos luxos vaidosos, das indisciplinas perigosas de outros collegios e perceberão em barda uma solida educação moral e christã, sem sombra, comtudo, de exagerações nem de fanatismos, tal qual a pode comportar uma casa que não é um convento mas um gymnasio e um viveiro, um collegio, repito, d'esta natureza encomia-se e recommenda-se por si mesmo. Todavia, muitos talvez não o conhecerão ainda, motivo porque buscamos dar-lhe a maxima publicidade pelo órgão effcaz da imprensa.

Se é certo que entre o progresso e a educação existe um apertadissimo nexo, o *Progresso Catholico* não só não sae do seu programma, fazendo honrosa menção do referido collegio, mas antes epigraphando o presente artigo de—educação—pulsa uma causa que quasi se confunde com o lemma da sua bandeira. Elogiando-o cumprimos um grato dever de justiça, recommendando-o cedemos a um sentimento não menos patriotico que religioso.

Marco de Canavezes.

PADRE SENNA FREITAS.

Serção Religiosa

O MATRIMONIO

Honramos hoje as columnas do nosso periodico com a seguinte Pastoral do illustrado e virtuoso Prelado da Madeira, acerca do Matrimonio. Nunca a voz do esclarecido Pastor se tornava tão necessaria como agora, quando algumas de suas ovelhas se trasmalham por haver entrado o lobo dos .: no aprisco.

Bem haja S. Ex.^a R.^{ma} que sempre se encontra no seu posto de honra, sempre se acha á frente de seus filhos.

Dom Manuel Agostinho Barreto, por Mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica, Bispo do Funchal, Ilha da Madeira, Porto Sancto e Arguim, do Conselho de S. Magestade Fidelissima, &, &, &.

Aos nossos amados e fieis diocesanos saude, paz e graça em Jesus Christo, salvador do mundo.

Assim como a familia é o fundamento de toda a sociedade, é a moralidade o elemento indispensavel na familia, e a religião a base solida de ambas. Sem familia extingue-se a sociedade, sem o principio religioso dissolve-se a familia. Constituir associações com elevados e salutareos destinos sem os fundamentos na pedra firme das crenças sobrenaturaes é edificar sobre areia. Quando os legisladores e imperantes desprezam este solido e verdadeiro systema de governo, commettem um erro e um crime, origem fecunda de males terribes, que ficam gravados com sinistros caracteres de lagrimas e sangue na historia dos povos.

Se não fosse uma verdade clarissima esta, á luz da philosophia, vinha tornal-a evidente a historia de todos os seculos. Nem carecemos de restringir-nos só aos fastos das nações christãs, ou aos do povo hebreu; no proprio paganismo se encontram testemunhos bem eloquentes d'esta verdade axiomática.

A medida que senhores e vassallos vão perdendo de vista o ceu, desatando o laço que os prende á divindade, a decadencia é irremediavel e fatal. Concentram-se todas as atencões no presente, volvem-se todos os desejos para os commodos materiaes, toda a actividade se consomme no progresso ephemero e passageiro; esquece completamente a alma, o futuro, Deus. Apertam-se os horisontes da vida, reduzida tão sómente aos curtos dias da terra; os sentimentos nobres, elevados, generosos, amesquinham-se e compri-

mem-se no circulo estreito, traçado pelo egoismo frio e descarado. O amor de Deus, o amor da patria e o amor da familia, esta sublime trilogia, morreu com a esperanza da immortalidade. Vieram occupar-lhe o logar os nefandos sentimentos do odio aos representantes do Ente supremo, da inveja aos favorecidos da intelligencia ou da fortuna, do rancor a tudo que se levanta um pouco acima do nivel ordinario e vulgar.

A tempestade, que vae lavrando na sombra e surdamente, rebenta depois furiosa, e ai! dos obstaculos que encontra na sua marcha vertiginosa e assoladora! Será tudo arrasado e reduzido a cinzas.

E sabeis quaes são os symptomas precursores da desolação e da ruina?

Os templos, que são a casa de Deus e o recinto do culto, vão-se tornando ermos, porque a multidão dos crentes, que ahí affluia, perdeu a fé. Levantam-se então outros templos consagrados a falsas divindades. Quando o povo foge da casa de Deus vae procurar os templos de Satanaz, as casas de corrupção. Mas por que a idolatria sensualista é sempre de consequencias funestas, atrai inevitavelmente esses pobres adoradores para outros templos mais sombrios; os hospitaes e as prisões. Se não fôra o culto dos falsos deuses por certo que seria menor o numero dos tristes habitadores d'essas moradas de dôr e angustias. Nem podem transgredir-se impunemente as leis eternas, sem que, ainda n'este mundo, não raras vezes, comece a punição.

O infeliz descrente suspira pela tranquillidade, pelo prazer, pelas riquezas, pela gloria, e como são raros os que podem alcançar a realidade d'estes sonhos de ventura, nascem n'aquella alma projectos sinistros de crimes horribes. Não existe lá o temor de Deus e o poder da lei é debil antemural ao desesperado. O crime, por mais atroz, ha-de ser perpetrado. Que venha depois a justiça da terra punir o criminoso; mas onde o remedio para o mal já feito? Duas desgraças, ou antes dois desgraçados de um só golpe; o algoz e a victima. Houvesse alli, n'aquella consciencia, a fé, a crença no futuro, na immortalidade da alma, nos castigos da outra vida que o braço assassino se não levantaria certamente.

Mas vae-se prégando hoje com insistencia diabolica, que o sobrenatural é uma superstição, herdada dos tempos do obscurantismo; ouve-se a cada momento proclamar, em nome dos principios philosophicos os mais adiantados, que Deus é apenas uma hypothese, um nome sem significação real: que a alma é uma parte material do corpo que ha-de aniquilar-se com elle, que a vida

futura é um sonho ou uma invenção dos especuladores que pretendem dirigir e domar os povos.

Theorias assim horrendas hão-de necessariamente produzir seus fructos de nauseabunda podridão e de travor amargo.

Renda-se culto só ás divindades mundanas e terrenas, o prazer, a riqueza, a representação, a gloria. Não ha motivos para contradizer os instinctos animaes; sejam elles em tudo satisfeitos e saciados. Emancipe-se a carne para que ella possa tomar largo quinhão no convivio da natureza.

Eis ahí onde vão despenhar-se todas as sociedades que se retrahiram ao ensino religioso, por consequencia aos dictames da moral. Assim nol-o ensina o passado, é o que estamos vendo no presente.

As sociedades modernas, que podem chamar-se civilizadas, nasceram e formaram-se á sombra da Egreja. Aquellas que sacudiram essa tutella tão branda e amorosa como salutar, cairam logo ou nas trevas da barbaria ou no abysmo insondavel das revoluções.

Haja vista a familia mussulmana, protestante, e indifferentista ou athea.

As auras creadoras e regeneradoras do evangelho, bafejando os povos barbaros ou envelhecidos do paganismo, fizeram desabrochar ou reflorescer as nações no velho e novo continente.

Os costumes e as leis, o individuo e a familia foram reformados, «por que o designio mysterioso da sabedoria divina que Jesus Christo devia realizar sobre a terra, era restaurar por Elle e n'Elle o mundo carcomido já pela velhice e decadencia. *Instaurare omnia in Christo.*» (1)

Ninguem ignora quanto operou a Egreja no seio dos povos em que se estabeleceu. Aquelle colosso, prestes a cair por terra, o imperio romano, seria de todo arrasado pelos barbaros do norte, se não viera valer-lhe o christianismo, que foi balsamo para os opprimidos e para os oppressores tambem, derramando no coração d'estes os doces sentimentos da caridade e no d'aquelles os de resignação, de esperanza e de fé. Os inimigos cruceis, irreconciliaveis uniram-se, abraçaram-se, fraternisaram, porque o mesmo principio de vida espirital, as crenças e aspirações sobrenaturaes lhes haviam saturado a alma.

A velha Europa formou um só arcaico, dominado superiormente por uma unica bandeira, a cruz de Christo, e regido por um unico chefe supremo, que era o seu Vigario na terra, o Pontifice romano. E o labaro christão e o

(1) Leção xii — Encycl. — Arcanum div. sap. consilium.

chefe da Egreja dominaram, conduziram e regeram por seculos aquelles indomaveis soldados, descidos do norte, que traziam na alma a audacia, e nas veias o sangue puro e fervido de seus avós, a quem as aguias romanas não conseguiram avassalar; e bem assim os orgulhosos descendentes dos filhos de Lacio, do povo rei, que mal podiam disfarçar a altivez de seus maiores, estimulada constantemente pelas recordações de um passado todo florido de peregrinas glorias e assombrosos feitos.

(Continúa).

SERÁ IGNORANTE O CLERO?

(Continuação)

Quereis poetas? Lá nos apparece o Padre Antonio dos Reis com os seus sete tomos de Poesias; o Jesuita P. Bartholomeu Pereira, com o seu «Paricidos», em que procurou imitar Virgilio; Fr. Bernardo de Brito com a sua «Silvia de Lizardo», que é uma serie de sonetos e églogas, que Manoel de Faria e Souza, prefere ás de Diogo Bernardo; o veneravel Fr. Antonio das Chagas, com o seu poema tragico intitulado «Feliz e Demofonte»; Fr. Thomé de Faria, com a sua traducção em latim dos «Lusiadas», e finalmente o carmelita Fr. Antonio d'Escobar com as suas novellas em prosa e verso.

Quereis aerostaticos? Ah! tendes F. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventor dos balões aerostaticos, dos quaes fez a experiencia em Lisboa.

Quereis historiadores? Ah! tendes D. F. Caetano de Souza com a sua Historia Geneologica da Casa Real Portugueza, F. Bernardo de Brito, com a sua Monarchia Lusitana; Fr. Jeronymo de Souza, com o seu «Pericope Geneologico»; o Jesuita P. Antonio de Vasconcellós com o seu livro dos «feitos dos reis portuguezes»; Fr. Luiz dos Anjos, com o seu «Jardim de Portugal», e finalmente, o abbade de Chans, Manoel de Souza Moreira, com o seu «Theatro Historico, Geneologico e Paenegyrico da Casa de Souza».

Quereis physicos e chimicos? Ah! tendes — O Conego D. Caetano de Santo Antonio, com os seus livros sobre sciencias naturaes; e o P. Theodoro d'Almeida, com a sua «Recreação Philosophica».

Quereis musicos? Ah! tendes Fr. Estevão de Christo, mestre de contraponto, gosando de tal reputação que foi chamado a Madrid, para dispôr da musica da semana santa; o Conego Regrante D. Francisco Castelhamo, que compoz as «Lamentações e Bradados das Paixões», que Philippe 2.º mandou

pedir para serem cantadas no Escorial; e nos nossos dias ainda é bem conhecido o nome de Fr. José Marques, professor distinctissimo, e auctor de excellentes composições musicas.

Mas para que innumerar mais? Ide á Bibliotheca Nacional de Lisboa, á Academia Real das Sciencias, e mesmo a algumas casas d'esses senhores que aproveitaram da extincção das ordens religiosas, para surripilharem os livros que havia nas suas bibliothecas, e dizei quaes foram os melhores livros que lá encontrasteis? Milhares e milhares, todos escriptos por frades! Ao ver essas immensas obras, com os nomes de seus auctores, parece que uma legião de frades se levanta do tumulo, para vir contar o que foram os portuguezes.

Ao clero portuguez deve pois muito a instrucção d'este povo. Foi a Egreja, por meio do clero, que organiou a humilde escola d'aldeia, que em apertados circulos, diffunde os primeiros principios da civilisação; assim como as universidades, esses baluartes contra os quaes se quebraram as ondas encapelladas dos povos que traziam, apoz si, a barbarie, e mais e mais alargaram a area do ensino, derramando nova luz; é a Egreja que umas e outras se devem. Ella procurou sempre illustrar no seu seio, o filho do rei, mas não descurou o filho do pobre jornaleiro, pelo amor de Deus. A Egreja continua ainda hoje a sua divina missão de instruir os povos, nas sciencias que tendem a illustrar-os e instruir-os. Assim se a astronomia deve importantes descobertas a Galileu, e a seus discipulos Cassini, Bianchini e Moraldi, não menos deve ao P. Sechi, e ao abbade Moigno, as duas maiores glorias da Europa no presente seculo, dos quaes o segundo ainda felizmente illustra a sciencia com os seus escriptos. Se a geographia occupa hoje um lugar importantissimo na sciencia, deve-o aos jesuitas, entre os quaes merece especial menção o P. José Trefenthaler, pelos seus tratados geographicos acerca da China. Se a archeologia e a linguistica, e em especial a sciencia das linguas comparadas são o ornamento do seculo actual, devem o seu desenvolvimento á Egreja; foi o missionario jesuita Hervas que colleccionou provas de trezentas linguas e de quarenta grammaticas. Uma das descobertas mais esplendidas da linguistica, a posição da familia das linguas malaia e polynesia, foi feita por Hervas, muito tempo antes de Humboldt a haver comunicado ao mundo; foi finalmente Fr. Paulino de S. Bartholomeu que compoz a primeira grammatica de sanscrito.

Emfim seria um nunca acabar, se

quizessemos dar aqui uma longa re- senha dos grandes progressos que a Egreja tem dado á sciencia; emfim concluiremos estas nossas considerações dizendo: quando os espiritos fortes do nosso tempo alcunharem a Egreja de ignorantes, digamos-lhes: ignorantes sois vós, porque não sabeis historia.

J. M. R. VALENTE.

SEMPRE CALUMNIADORES!

Ao escrever estas linhas não é minha intenção defender uma associação que, mercê de Deus, tem hoje já os seus credits firmados; mas sómente prevenir o publico para que se não deixe illudir por esses falsarios escrevinhadores que de tudo mofam e procuram desacreditar, com o intuito de tornar odiosa a Religião Santa de Jesus.

Ha dias lia-se n'um jornaleco de dez réis, que se publica no Porto com o titulo de *Voz do Povo*, uma noticia alarmante sobre uns suppostos homens vestidos com o habito das Irmãs Hospitaleiras! A requintada má fé, com que se inventam taes balelas, era digna do mais severo castigo e rigorosa punição pela parte da auctoridade competente.

Custa a crer que, entre um povo civilisado, n'um paiz catholico, dentro dos muros d'uma cidade que se gloria do pomposo titulo de *cidade da Virgem*, hajam espiritos tão mesquinhos; almas tão baixas; e corações tão perversos, que se atrevam, em pleno seculo XIX, a lançar mão d'uma arma tão ridicula — a calumnia — para guerrear uma instituição tão nobre, uma obra tão santa, e uma sociedade tão respeitavel como a Congregação das Irmãs Hospitaleiras.

Sim, parece incrivel que, senhoras tão inoffensivas, como as Irmãs Hospitaleiras, estejam sendo alvo dos rancorosos odios da impiedade!

Ellas que não fazem senão bem; ellas deixadas completamente do mundo, e consagradas só a Deus; ellas que arrostam com os maiores sacrificios n'esses hospitaes e asylos, onde, a indigencia enferma e a decrepitude invalida, demanda os seus serviços; ellas emfim que vivem formando corações que mais tarde serão o enlevo das familias, em qualquer cargo ou estado que venham a occupar na sociedade.

Não é do mundo que ellas esperam a recompensa de seus trabalhos; não. Mas procurar desvirtuar uma instituição tão santa, por meio da intriga e da calumnia, é até onde póde chegar o desaforo, elevado á ultima potencia!

Pois que outro fim tem a noticia a que nos vimos referindo de que, entre

aquellas respeitaveis senhoras, existem homens vestindo o mesmo habito e impondo-se como do sexo differente? acaso atrever-se-ha alguém a provar o que acabam de espalhar por meio da imprensa assalariada?! Miseraveis que elles são!!! Entram como leões o sahem como sendeiros! Que motivo tiveram elles para tão ridicula invenção, de imaginarem homens vestidos com o habito das Irmãs Hospitaleiras e vivendo em comunidade?! illusão optica! Cegos d'espírito, habitantes das trevas, desfilae a mascara e sahi a campo que, nós os catholicos, estamos promptos para o combate.

Christãos, alerta, e nada do temer o inimigo... Elles, dignos discipulos de Voltaire, seguem as maximas de seu mestre e não deixam de *mentir e mentir sempre*, quando isso lhes convem para seus fins malevolos!

Não temaes o combate que o Deus dos exercitos vos animará á victoria; desprezae as maximas d'esses impios malvados; não ligueis o menor credito ás suas falsidades, e desviae-vos quanto seja possivel d'essa peste maldita, agentes infernaes do espirito das trevas.

E' tempo de dividir os exercitos; e depois cerrar fileiras para combater a peito descoberto; o nosso estandarte seja a Cruz, labaro augusto da nossa redempção.

Para os nossos adversarios o maximo desprezo, e ficae bem certos de que no lemma da sua bandeira se encontram gravadas em letras de fogo estas palavras—*mentir e mentir sempre*.

D. P. D. R.

Secção Scientifica

O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Com o facho da sciencia na mão a alluniar-me os passos, parece-me ter provado, ainda que succintamente e segundo as minhas limitadissimas forças (sem modestia) (!) não haver transição possivel entre o homem, considerado organicamente, e os macacos.

(!) Ao lêr as *delicadissimas e amabilissimas expressões*, que o meu especial amigo P.º Senna Freitas se dignou dirigir-me no seu ultimo artigo sobre o homem terciario, acometted-me um certo prurido de lhes dar publicamente o devido desconto de noventa e nove por cento, fazendo reverter todo o lucro, como era de justiça, em favor de tão intrepido atleta e abalizado escriptor.

Mas isto talvez podesse oheirar a *elogio mutuo*, o eu n'este particular abundo nas idéias de Authero do Quental.

Acceito, pois, aquellas expressões, mas só a titulo de inventario.

E quando outros argumentos não existissem, a belleza das formas, a posição *vortical*, a magestade do porte, a gentileza no andar e meneio do corpo, a dignidade da frente, a sublimidade do olhar, e a expressão phisionomica, eram razões bastantes para mostrar não só a superioridade do homem sobre todos os outros seres, mas ainda uma differença característica entre elle e os animaes que na escala zoologica mais se lhe aproximam.

Mas o homem não é um simples composto de esqueleto e de musculos; é tambem, e principalmente, um ser que pensa, e que pela razão se eleva ás mais difficeis e complicadas questões especulativas e ás mais remontadas regiões do ideal.

E do *homem privado da palavra* até o angelico autor da Summa e ao sublime cantor da Iliada, que infinita distancia não medeia!?

Como poderia o *homem, que se defendiu ds dentadas*, galgar este abysmo incommensuravel?

Eu bem sei que os *sabios*, com os seus bordões de *progresso indefenido*, de selecção natural e de *transformações lentas no decurso de muitos seculos*, removem quaesquer difficuldades, que aos myopes se lhes adguram invenciveis; todavia, sem querer inutilisar tão *preciosos arrimos*, permittam-me que lhes faça umas pequenas aparas.

Na Asia, berço da especie humana, e na Grecia, encontram-se as producções do espirito que tem o cunho da mais remota antiguidade; e ao passo que *ainda hoje* algumas tribus vivem na *idade da pedra*, já n'essas *epocas remotissimas* se revelaram todas as manifestações da intelligencia.

Sirvam de exemplo as preciosas obras das litteraturas indiana e hebraica.

Os Vedas (livros sagrados dos indios, escriptos na lingua sanscrita, ou *perfeita*, admiravel pela sua fecunda flexibilidade), os Puranas e os Sutras, o codigo de Manu, o Hitopadesa, o Reconhecimento de Sacontala, as duas famosas epopeias o Ramayana e o Mahabhara, finalmente a metaphisica, a moral, a fábula, a poesia lyrica, epica e dramatica, tudo concorreu para o esplendor d'essa antiquissima e assombrosa civilização das *raças aricas*.

E passando á litteratura hebraica, peço venia aos leitores do *Progresso Catholico* para lhes recordar as eloquentes palavras do Ex.^{mo} Conego Alves Mendes respeito á Biblia:

«Ha um livro, thesouro de um povo, que hoje é ludibrio da terra, mas que foi em tempos passados a estrella do Oriente, que reflectiu sobre o mundo a radiosa idéa da unidade de Deus.

N'este livro foram beber sua inspiração todos os grandes poetas das regiões

occidentaes: n'elle estudaram todos os grandes escriptores o segredo de levantar os corações e arrebatam as almas com mysteriosas harmonias. E' o livro mais antigo que existe; o livro por excellencia, a cujo nome emmudecem de admiração os seculos.....

Na biblia encontram-se os annaes do ceo, da terra e da humanidade. Ella, como o proprio Deus, representa o que foi, o que é e o que será.

A sua primeira pagina affirma o principio das cousas e dos tempos; a sua ultima pagina consigna o fim do tempo e das cousas.»

E limitando-me ás instituições mosaicas, direi, com Cesar Cantu, que o seu autor, poeta e propheta insigne, o primeiro dos historiadores, legislador, profundo politico e libertador, foi o maior homem que a historia conhece.

E restringindo-me ainda mais, direi com o sabio (sem gripho) Moigno que a Cosmogonia de Moyses, em perfeita harmonia com a sciencia mais adiantada, contem um tão grande numero de particularidades extraordinarias, completamente acima do saber do seu tempo que, qualquer homem de bom senso e de boa fé, é como que obrigado a admitir uma inspiração directa e immediata.

Devemos, pois, concluir que a tal lei do progresso é muito relativa e soffre muitas e importantissimas excepções, a não ser que se prove que a civilização dos Hottentotes e dos Caffres, dos Esquimaus e Pelles-Vermelhas da actualidade, equivale ás civilizações hebraica ou indiana, egypcia ou hellenica, ou ainda que Darwin e Buchner, Comte ou Littré estão na mesma plana que Moyses e Socrates, Salomão ou Platão, e que o sr. Guerra Junqueiro, o primeiro poeta da península iberica, e o sr. Joaquim Fernandes Theophilo Braga, o primeiro pensador dos dois mundos, valem tanto como Homero ou Aristoteles.

Mas, como disse, do homem-macaco ao homem, ainda o mais selvagem, a distancia é immensa.

Que exercicio de gymnastica empregaria o tal bicho homem para dar este passo gigante?

E' do maior interesse saber como Wallace, sectario e emulo de Darwin, resolve este importantissimo problema.

E porque Quatrefages faz uma exposição nitida e conscienciosa do *modo de vêr* d'este celebre naturalista, vou esforçar-me só por tornal-a mais succinta.

E' este, sem duvida, o unico merecimento dos meus escriptos, se é que o tem: synthetisar, abreviar o que se acha disperso em obras de longo folego.

Conhecendo que não tinha bitola para sabio, tomei como norma dos meus trabalhos a que serviu ao autor do *Eva e*

Ave: «Não he pequeno serviço ajuntar o disperso, abreviar o longo, apartar o selecto.»

Se o conseguir, dou-me por amplamente remunerado do insignificantissimo tributo que pago à causa da verdade. A'vante pois.

Sendo a opinião de Wallace, existiu outr'ora *um ser que possuia* quasi os *mesmos caracteres phísicos do homem actual*. Esta *raça*, que vivia arrebanhada nas regiões quentes do antigo continente, percebia sensações, mas era incapaz de reflexão; egualmente desconhecia os sentimentos sympathicos e moraes.

Como se vê era *um esboço completamente material* do ser humano; todavia superior ao *homem de cauda* de Darwin e ao *homem pithecoide* de Haeckel.

Ora ali pelos primeiros tempos da epoca terciaria, accrescenta Wallace, *uma causa desconhecida* veio accelerar o desenvolvimento da intelligencia d'este ser anthropomorpho.

Os animaes, sobre que não actuou a *causa desconhecida*, continuaram a transformar-se morphologicamente; o corpo do homem, porem, ficou o que era, porque a superioridade adquirida pela intelligencia subtrahiu para sempre a nossa especie áquellas transformações.

Wallace, pois, um dos mais authorisados darwinistas, declara que a *selecção natural* só por si era incapaz de transformar um ser anthropoide n'um homem; estabelecendo por isso uma excepção ás leis que, segundo elle, regem todos os outros seres vivos.

Que fortissimas razões o determinariam a abandonar n'este ponto os seus antigos correligionarios?

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

Secção Critica

A ONDA A SUBIR!

A canalha despovoou o lugar que lhe está reservado— a praça publica, a esquina das ruas,— e penetrou no templo consagrado ao Senhor! Aproveitou a hora em que não ha jornaes de dez reis para vender pelas ruas, quando não ha carretos que fazer e, de envolta com os catholicos, com os verdadeiros filhos de Jesus Christo, introduzira-se no sanctuario, como nos seculos primeiros do Christianismo se escondiam entre os fleis, penetrando nas catacumbas, para irem accusar ao Cesar mais alguma victimia.

Não admira o que se deu na cidade do Porto, porque os christãos sempre tiveram inimigos. Mas admira, causa pasmo até, que no Porto, na terra que

ornamenta o seu brazão com a imagem da Virgem; que se diz *baluarte da liberdade* se consinta a um grupo de garotos e garotos mal intencionados, o penetrar n'uma igreja para interromper os actos religiosos allí praticados, perturbar a ordem publica, e manchar, com a lama que arremessa a pelinragem, a honra e a dignidade de um povo!

Onde estava a auctoridade da segunda cidade do reino fidelissimo na occasião em que se lançava ao chão, para ser calcado pela demagogia, o código fundamental da nação? Onde estava a essa hora a força publica, que não pôde destacar alguns soldados para livrar d'um desacato um templo catholico, e para velar pela segurança de milhares de cidadãos? Estarão destinadas as bayonetas dos soldados portuguezes tão somente para acompanhar os actores desde o theatro de Vizeu até à hospedaria? Será crime n'este paiz *não querer* que se representem os *Lazaristas*, e não será um crime *prohibir* que um orador sagrado, um ministro da Religião Catholica Apostolica Romana, que a *Carta* diz ser a religião do reino, exerça o sagrado ministerio de que se acha investido?

A que miseravel estado te fizeram chegar, ó catholico Portugal, os teus filhos degenerados! Com que horror será teu nome lembrado pelas nações cultas!

O Porto tem feito a vergonha dos portuguezes! O Porto... mas não, o Porto não. Seria o Porto que praticou os attentados de que nos dão noticia os jornaes? Não. O Porto é catholico; mas tem dentro de seus muros a escoria da sociedade, que não crê em Deus, e são esses que enodoam o seu brazão, que o fazem passar por uma aldeia de Paio Pires.

Mas a culpa é da auctoridade. Se aos primeiros insultos dirigidos ao clero, ou a qualquer catholico pela demagogia, as portas da Relação se abrissem para dar entrada aos desordeiros, ter-se-hiam evitado segundos ataques; mas as auctoridades parece que... gostam, e d'aqui as repetições.

Mas deixemos fallar a *Palavra*, para que nas columnas do *Progresso Catholico* fiquem registados os actos de selvageria de que o Porto foi testemunha no domingo 13 do corrente:

«Domingo passado prégava na Igreja de S. Bento da Victoria d'esta cidade o Rev.º Sr. Padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares.

Eram cinco horas da tarde. O templo, o mais espaçoso d'esta cidade, achava-se litteralmente repleto de milhares de fleis. Raras vezes o temos visto tão litteralmente cheio, como n'aquella occasião.

Tinha-se acabado d'encerrar o Santissimo Sacramento e havia descido da

tribuna sagrada Monsenhor Azevedo Couto.

Subira ao pulpito o Rev.º Sr. Padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares.

Sua Rev.ª começara a prégar e concluiu o seu exordio. Durante elle notaram algumas pessoas proximo da porta principal uma certa agitação, como naturalmente costuma succeder nas grandes agglomerações e apertos de povo. Apezar da voz vibrante e sonora do orador não pudémos, por causa do logar em que nos achavamos e d'um certo ruido, proprio da immensa multidão, ouvir distinctamente todo o exordio, mas da parte que ouvimos pareceu-nos deprehender que Sua Rev.ª ia demonstrar a Divindade do Catholicismo pelos martyres.

Terminava Sua Rev.ª o exordio e a invocação, e preparava-se para entrar no assumpto, quando de subito rebentou, proximo do altar de Nossa Senhora de Lourdes, situado do lado direito da porta d'entrada, um enorme tumulto, que só pôde achar parallelo com a agitação produzida por uma d'essas grandes desordens, que ás vezes se levantam repentinamente n'um grande arraial, feira ou romaria, no meio da effervescencia de ignobeis paixões, exaltadas pela embriaguez e outras causas.

N'um abrir e fechar d'olhos o templo do Senhor estava convertido todo n'um arraial amotinado.

Gritos, alaridos, vozes descompassadas, corridas em tropel, um completo alarme.

Dir-se-ia que a igreja ardia por todos os lados ou que a abobada ameaçava desabar, indo esmagar nas suas ruinas milhares de fleis.

O orador contemplava a principio, suspenso e imovel, aquelle redemoinhar confuso, aquella gritaria infernal, aquelle tumulto indescriptivel. Pouco depois erguera bem alto a voz, tentando socegar a agitação, mas ella perdia-se inteiramente entre o enorme barulho, sem nada conseguir. Todos os meios a que recorreu foram impotentes.

Entre o vozear continuo e o appello á ordem do orador ainda pudémos perceber as palavras sacrilegas de *fôra! fôra!*

N'estas condições impossiveis o orador ia a retirar-se, mas, voltando-se de novo para o povo, soltou um energico brado de protesto que, inspirado pela mais justa e sancta indignação, retumbou nas anfractuosidades do templo e sobrelevou um pouco a gritaria geral.

Mas então o tumulto redobrou. A confusão attingiu o maior auge.

Viam-se immensos braços erguidos para o ar em signal d'approvação e estridentes bravos misturados de phrases inintelligiveis resoaram dentro do templo!

O orador descera rapidamente em meio d'este quadro pungentissimo, que collocava a casa do Deus Vivo ao nivel d'um circo, d'um theatro, d'um *meeting* tumultuoso.

D'ahi a instantes, o recinto do templo estava apenas occupado por numerosos grupos de individuos. Conhece-mos que eram todos catholicos. Narravam e commentavam o successo em altas vozes com phrases repassadas de indignação e colera, o que, se era improprio do logar, era todavia bem desculpavel.

Isto dentro do templo.

Cá fóra, tanto na rua da Victoria, em frente da entrada principal, como na rua das Taypas por onde a Egreja tem outra saída, espraíara-se uma enorme multidão, que se estendia até á Cordoaria e rodeava a cadeia da Relação, situada parallelamente ao templo, com uma rua de permeio. Em frente d'ambas as entradas via-se grande numero de policias e municipaes.

Altercava-se calorosamente e faziam-se ouvir brados d'indignação e protesto. Fóra d'isto, apenas presenciamos algumas scenas de pugilato na rua das Taypas, mas que não tomaram maiores proporções, graças á prudente intervenção d'um tenente, segundo cremos, da guarda municipal, auxiliado por outros individuos.

Não nos consta que se tivesse effectuado prisão alguma. Nós retiramo-nos para casa coupungidos e excessivamente indignados por estas scenas.

Não nos consta tambem que tivesse havido ferimentos de gravidade. Grande pavor no sexo fraco, alguns desmaios, contusões, uma ou outra hofetada, alguns murros, grandes ameaças e imprecações, foi o mais que occorreu dentro do templo, o que se foi pouco para o tumulto indescriptivel que se produziu, foi muito, foi horrivel para o logar em que se estava.

Mas o leitor está ancioso de saber as causas d'este escandalo e enorme sacrilegio, que acaba de consummar-se.

Em duas palavras. Tudo foi obra da demagogia.

Algumas duzias de scelerados demagogos foram os auctores d'esse enorme sacrilegio.

O grupo mais numeroso d'esses desgraçados,—pouco mais d'uma duzia,—que tão flagrantemente e sacrilegamente attentaram contra a liberdade dos catholicos na propria casa de Deus postara-se no sitio onde rebentou a desordem, em quanto outros guardavam as entradas do templo e diversos pontos que tinham tomado, observavam tudo anciosamente. Cá fóra achavam-se novos grupos combinados com os de dentro e como quem aguarda algum acontecimento em que teem de tomar parte.

De manhã tinham feito circular um papel incendiario e impio convidando o povo para irem *esmagar os Jesuitas* de S. Bento da Victoria. A maior parte, porém, dos fleis não tinham tido conhecimento do impresso e apenas alguns receiavam pela ordem.

Na occasião em que prégava o Rev.^{mo} Padre Chrispim, os sacrilegos desordeiros começaram a rir, a escarrar, a tossir de proposito, proferindo ao mesmo tempo palavras subversivas e horribéis imprecações.

Este procedimento escandalisou os catholicos que se achavam mais proximos. Estes intimaram-nos, por mais que uma vez, a que guardassem respeito na casa de Deus; mas vendo que tudo era inutil, porque a provocação era acintosa e premeditada, empregaram a força, visto ser inutil a voz do conselho e da admoestação.

D'ahi as scenas que já descrevemos.

Em summa o attentado sacrilego e infameahi fica relatado com a mais escrupulosa fidelidade.

A demagogia não logrou tanto quanto desejava e havia planeado.

Não foi isto devido á auctoridade. Esta, salva alguma excepção honrosa e isolada, crémos que esteve bem longe de cumprir os seus deveres.

Alguns querem defendel-a, dizendo que ella está desprestigiada e que já não tem força perante a onda da demagogia. Isto é até certo ponto verdade, mas só serve para mais culpar a auctoridade que consente todas as torpezas, quando ella propria as não pratica e nada previne com receio de molestar a decantada *liberdade* do mal.

Se, além do tremendo desacato que acaba de dar-se, não temos a lamentar grandes desgraças, é isso devido á attitude prudente, com quanto energica, dos catholicos e a estarem estes em enorme maioria, não obstante á mesma hora regorgitarem de fleis os outros templos do Porto, onde se fazem os sermões e practicas de Quaresma.»

Ahi fica a narração, agora lavramos o nosso protesto, para que se não diga que não formou exco na redacção do *Progresso Catholico* o protesto feito pelo nosso collega da cidade da Virgem.

Protestamos energicamente e com todas as forças de nossa alma, contra o proceder infame, estúpido e cobarde dos sectarios do erro, dos inimigos de Deus, da sociedade e da liberdade. Protestamos contra os actos de canallice praticados diante dos altares sagrados. Protestamos contra a criminosa attitude das auctoridades com a qual deixam cahir nas mãos dos perturbadores da ordem, o bem estar e a liberdade d'uma cidade inteira. Protestamos em nome do direito das gentes, em nome do direito que nos cabe como cidadãos livres, con-

tra o sacrilego attentado, que aqui deixamos narrado.

E' forçoso que os catholicos se desenganem, que se agrupem em torno do labaro que ha deoito seculos é o terror da impiedade, e que de lá afaste tudo que não é pela verdade.

E' forçoso que os catholicos occupem o seu lugar, e que façam por tirar toda a protecção ás leituras impias, aos jornaes eivados de protestantismo e maçonismo, porque com essa protecção estão a dar dinheiro com que se paga aos perturbadores da ordem, aos que commettem os desacatos no templo do Senhor.

E' forçoso que todos se empenhem em propagar as boas doutrinas, em fazer chegar a todas as mãos os jornaes catholicos, aquelles que tem por divisa a Cruz, por lei o Evangelho, por chefe o Papa.

Aproveitae estes conselhos, leitores, e a Cruz será arvorada sobre a ossada dos seus inimigos.

ELIAS DE SAMPAIO.

EXAME CRITICO DE UM MAU LIVRO

(Continuado do n.º anterior)

«Temos provado que a alma é unida ao corpo como sua forma (1). Ora a forma une-se á materia sem vinculo algum; porque pertence-lhe dar existencia actual ao corpo por si (note-se) e não por meio de vinculo algum: *Anima immediate corpori unitur; nec oportet ponere aliquod medium quasi animam corpori unicus: vel phantasmata, sicut dicit Averrhoes... vel etiam spiritum corporalem, sicut alii dixerunt.*

Ostensum enim est quod anima unitur corpori ut forma ejus; forma autem unitur materiae absque omni medio: per se enim competit formae quod sit actus corporis, et non per aliquid aliud (2).

Em sua summa theologica Santo Thomaz responde ás objecções dos que imaginavam um vinculo, que unisse a alma ao corpo, nos seguintes termos:

«Deve-se responder que se se admitisse com os platonicos que a alma se une ao corpo sómente como seu motor, se poderia dizer que entre a alma do

(1) A alma é forma do corpo humano, quer dizer que a alma unido ao corpo comunica-lhe o grau de ser ao qual pode ser elevado; pois é pela alma que o homem tem existencia actual, é pela alma que é corpo, que é vivo, que é sensitivo e que é homem: *per quam (animam) homo est ens actu, et per quam est corpus, et per quam est vivum, et per quam est animal et per quam est homo* (S. Thom. sum. th. 1.ª, q. 76, a. 6. c.)

(2) Sum. contra gent. lib. II, cap. 71.

homem... e seu corpo ha outros corpos intermediarios. Porquanto é natural que um motor mova o que está affastado d'elle por meio de intermediarios que lhe siquem mais proximos. Mas se a alma se une ao corpo como sua forma, como já dissemos (1) é impossivel que ella lhe seja unida por meio de um corpo qualquer. A razão d'isto é que a unidade de uma cousa se concebe da mesma maneira que seu ser. Ora, a forma faz por si mesma que uma cousa seja em acto (isto é, tenha existencia actual), pois que ella mesma é por sua essencia um acto e não dá o ser por meio de intermediario algum. Por consequencia a unidade de uma cousa composta de materia e de forma provem da forma que existe por si mesma e que por si mesma se une á materia, como seu acto. E não ha outra alguma causa de união senão o agente que faz que a materia exista em acto... D'onde é evidente que teem errado aquelles que teem supposto haverem corpos intermediarios entre a alma e o corpo do homem: Respondeo dicendum quod si anima secundum Platonicos corpori uniretur solum ut motor, conveniens esset dicere quod inter animam hominis... et corpus, aliqua alia corpora media intervenirent. Convenit enim motori aliquid distans per media magis propinqua movere. Si vero anima unitur corpori ut forma, sicut iam dictum est: impossibile est quod uniatur ei *aliquo corpore mediante* (note-se). Cujus ratio est, quia sic dicitur aliquid unum quomodo ens. Forma autem per ipsam facit rem esse in actu, cum per essentialiam suam sit actus, nec dat esse per aliquod medium. Unde unitas rei compositae ex materia et forma, est per seipsam formam, quae secundum seipsam unitur materiae, ut actus ejus. Nec est *aliquid aliud uniens nisi agens*, (note-se) quod facit materiam esse in actu... Unde, patet esse falsas opiniones eorum qui posuerunt aliqua corpora esse media inter animam et corpus hominis. (1, 9.76, a. 7. c.)

Segundo Santo Thomaz a alma é a forma do corpo, isto é, o corpo recebe da alma seu ser especifico e a actividade que patentea em quanto é informado ou vivificado pela alma; pois apenas a alma se separe d'elle, já não será corpo humano, mas um cadaver: já não terá actividade: ficará inerte. E' a alma que dá a vida ao corpo, apenas ella o abandone, o corpo já não terá vida. De aqui segue-se, como diz o mesmo sancto, que a união entre a alma e o corpo é immediata e que não ha vinculo ou intermediario algum entre a alma e o corpo.

A doutrina que fica exposta não pode

(1) Veja-se 1.º, 9. 76, a. 1 e 6.

negar-se sem cair no horrivel crime de heresia. Os Padres do Concilio ecumenico de Vienna exprimem-se assim:

«Doctrinam omnem seu propositionem temere asserentem aut vertentem indubium quod substantia animae rationalis seu intellectivae vere ac per se (note-se) humani corporis non sit forma; velut erroneam ac veritati catholicae inimicam fidei, praedicto sacro approbante Concilio, reprobamus; desinientes, ut cunctis nota sit fidei sincera veritas ac praeccludatur universis erroribus aditus ne subintrent, quod quisquis deinceps asserere, defendere, seu tenere pertinaciter praesumpserit quod anima rationalis seu intellectiva non sit forma corporis humani per se et essentialiter tanquam haereticus sit censendus (1).

(Continúa).

P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares.

Secção Historica

O presente e o preterito da Allemanha

De todas as nações, que constituem a hodierna Europa, a Allemanha é, sem contestação, uma das mais importantes, quer a consideremos sob o ponto de vista da sua extensão territorial, quer sob o do seu poderio, quer, finalmente, sob o do seu estado de civilização.

Filha da raça eslava, descendente d'osses ferinos Vandalos, Burgonhães, Suevos, Saxonios, Francos e indomáveis Germanos, que, por longo tempo, zombaram das aguias romanas, e as obrigaram a encurtar os seus altaneiros vãos, e que, por ultimo, cooperaram na destruição de tão vasto imperio (em 476), conserva ainda esse primitivo espirito guerreiro, esse amor da independencia e da liberdade e, a occultas, abriga em seu seio um odio mortifero ás nações da raça latina.

Para prova basta que nos recordemos (*triste recordação!*) d'essa porfiada guerra, travada ainda em nossos dias (em 1870), entre ella e a França, para a qual estava de ha muito petrechada; guerra, não de nação contra nação, mas de raça contra raça.

Foi assombroso o embate!

A França, orgulhosa da sua grandeza, recordando-se dos seus gloriosos feitos, e das suas indeleveis tradições, julgou que a Allemanha não poderia agrilhoar o seu poderio; e, fazendo da victoria cousa facil, foi nos muros de *Sédan* expiar os seus crimes!

(1) Clementino, De Summa Trinitate et Fide catholica, tit. 1.

A Allemanha poude, porem, abater a fronte altiva da sua desprevenida competidora, e entoar o hymno da victoria; mas esse hymno custou o sangue de milhares de victimas; o seu estrepito abafou os gemidos e as lagrimas, velou a miseria de milhares de seus filhos!

Reconhecendo quão pesada lhe foi a victoria, e temendo a sua rival, que, hoje, ruge vingança, procura preparar-se para suster os seus golpes, que, n'uma epocha não mui remota, devem ser terriveis, profundos!

Organisa o seu exercito, aperfeiçoa os seus regulamentos militares e os seus instrumentos bellicos, a sua tactica na arte da guerra, e d'um modo tal, que a maior parte das nações a têm procurado imitar.

Não é porem, sob este ponto de vista, que fazemos exalçar a verdadeira grandeza da Allemanha; porque, quando vemos uma nação illustrada converter cada um dos seus filhos n'um soldado, n'um assassino legal, estupefactos, reconhecemos, que o seculo 19 com todas as suas conquistas, com todo o seu progredir, tem ainda gravadas nos seus codigos leis semelhantes ás de Lycurgo; que baldados têm sido os esforços dos philosophos em estabelecer os laços d'união entre os homens e as nações; olvidados os ensinamentos da Igreja, que, em todos os tempos, tem procurado estabelecer o reinado da verdadeira fraternidade! Quando raiará pois a aurora da felicidade e da paz geral? Quando se converterão os instrumentos bellicos, symbolos da destruição e do retrocesso, em instrumentos do bom e do progresso? — Nunca, — porque a natureza humana ha-de sempre ser a mesma, e o homem não ha furtrar-se ao influxo magnetico das suas paixões.

O que Hobbes disse do homem podemos tambem dizer das nações;—a Allemanha, hoje, teme baquear do pedestal de grandeza e gloria, a que a felicidade dos seus *Krupps* a elevaram; busca animo na força material, em vez de na força moral, isto é, estreitar os laços de união dos varios estados, de que é formada; e poderá ella ser excepção a essa lei fatal da historia, que nos ensina, que, apoz a gloria das nações, tão momentanea e fugitiva como os meteoros, vem a sua degradação, a sua queda?

Não é na força material que póde consolidar-se a verdadeira grandeza d'un povo ou nação, mas sim na sua maior ou menor cultura intellectual, no seu amor pela religião, pelas artes e pela industria. A Allemanha, em que pese á França, é na actualidade o centro do movimento scientifico e litterario da Europa, e tanto basta; mas, se

esta proposição, que aventámos, parecer a alguém estranha, poderá convencer-se da sua realidade por meio da lógica dos factos, comparando as listas dos escriptores e das obras que, annualmente, se publicam em ambas as nações.

Na Allemanha a instrucção é considerada como a primeira e principal necessidade de todo o homem, seja qual for o seu estado, ou condição. O numero de estabelecimentos scientificos é elevadissimo, sobresaindo a todos, em importancia, as universidades de Berlim, Halle, Munich, Leipzig.

A Allemanha tem sido o berço de vultos notaveis em todas as artes e sciencias; mas, a par d'elles, tambem talvez nação nenhuma tenha sido berço de tantos heresiarchas e de tantos impios.

Ao lado d'um Schiller, d'um Goethe, d'um Kepler, d'um Humboldt, d'um Guttemberg, figuram os nomes, de triste memoria, d'um João Huss, d'um Jeronymo de Praga, d'um Wiclef, finalmente d'um Luthero, pae de todos os erros, que desde o seculo XVI até ao presente tem dilacerado a Igreja, e causado as maiores commoções no viver e governo dos estados.

As escholas philosophicas, que desde Luthero até hoje têm sido formadas na Allemanha, começaram por combater o Catholicismo e acabaram por combater o Christianismo (Strauss); mas um e outro, longe de sossobrem, continuam mau grado dos seus inimigos, recebendo a adoração de milhões de seus filhos.

Os catholicos allemães têm, ainda em nossos dias, luctado com o jugo despotico dos seus governantes; mas a sua coragem e dedicação, por conservarem as crenças dos seus maiores, tudo tem sabido superar, a ponto dos seus maiores inimigos, quasi que se confessarem vencidos, visto invocarem já o seu auxilio nas crises irrequietas do estado.

O commercio, uma das principaes fontes de riquezas e prosperidades d'uma nação, alli tem augmentado com incrível rapidez, principalmente n'estes ultimos annos; e, se não tem ainda atingido o seu devido desenvolvimento, é porque não possui colonias, nem grande numero de portos de facil accesso, pelo que muitos dos seus filhos têm emigrado para as Americas, concorrido assim para o engrandecimento de terras extranhas.

A industria é cultivada em summo grao, do mesmo modo que todas as artes, sobresaindo entre ellas as mechanicas.

Mas qual a origem d'esta tão importante nação, de que hemos fallado? Por que phases tem ella passado a través dos seculos?

Se lançarmos nossos olhares sobre os antiquados mappas da Europa reconheceremos quão inconstante tem sido o seu viver; vel-a-hemos, formando ora uma pequena nação, ora um vasto imperio, ora uma confederação!

Consta que a Allemanha primitiva constituia uma confederação de nações germanicas, formada no tempo de Marco Aurelio.

Os seus naturaes habitaram as margens do famoso Rheno, principalmente desde a sua origem até ao Meno. Dotados de espirito guerreiro, procuraram estender pelas Gallias o seu dominio, uma e muitas vezes, até que foram, definitivamente, repellidos por Clodoven, que em 496 ganhou sobre elles a batalha de Tolbiac.

Com o apparecimento do feudalismo constituiram-se os pequenos estados, que depois (em 800) foram incorporados no imperio de Carlos Magno.

Dividido este pela morte do seu fundador (em 843) em tres partes recrudesceram as luctas entre os estados feudaes, até que Conrado I ponde recuperal-as e acclamar-se imperador da Allemanha (em 911).

Depois da sua morte recommçaram as luctas até que Othão I (de 960 a 1100) lhes poz termo; organisou a Allemanha, constituindo-a um poderoso imperio, e tornando-a respeitada, e influente em toda a Europa.

Mais tarde (em 1273) a Allemanha tomou uma nova phase.

Apoz tres seculos de continuas guerras, promovidas, principalmente, pelos Guelfos e Gibelinos, Rodolpho de Hapsburgo cedeu a seu filho Alberto o ducado de Austria, o qual o elevou em pouco tempo a um tão elevado poderio, que se tornou temido de toda a Europa.

Sobrevieram depois as guerras entre a Allemanha e a Austria. Esta pretendia apossar-se d'aquella, e formar, juntamente, uma monarchia.

No começo do seculo XVI Maximiliano I dividiu o imperio em dez circulos. Durante a sua vida suscitaram-se grandes contendidas contra a França, motivadas, principalmente, por motivos religiosos, e que tão funestas foram para ambas as nações.

Morto Maximiliano (em 1519) e acabada a successão apresentaram-se em Campo a Hespanha, a França e a Austria, e todas allegavam ter direitos sobre a Allemanha.

Esta luctou, victoriosamente, e ponde acclamar imperador a Carlos; pouco depois teve n'ella logar a terrivel Reforma de Luthero, que tantos males veio causar ao mundo.

Pela formação do imperio de Napoleão I a Allemanha soffreu por alguns annos os horrores da guerra; e, tendo-

se colligado com a Austria para a destruição do Rheno, formou-se a chamada *Confederação do Rheno*.

Em 1815 a *Confederação* foi dividida em grande numero de estados, que deviam enviar seus representantes a uma dieta, estabelecida em Francfort, para alli discutirem os negocios de interesse commum.

Finalmente por occasião da guerra entre a Prussia e França (em 1870) a Allemanha, com todos os seus pequenos estados, uniu-se á Prussia, e formou o novo imperio allemão, que, actualmente, é regido por Guilherme I.

Eis em pequeno e mal delineado quadro o presente e o preterito da Allemanha.

Qual o seu futuro?—Só Deus o sabe!
Coimbra 1881.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Litteraria

PRIMAVERA

O' quadra do alvorez, de galas e musicas!
Contigo os prazeres á terra conduz!
Do inverno espedaça de lança o veu funebre;
alaga os espaços em rios de luz.

As brumas cerradas, condão do aquario,
solicita varre do azul d'estes céos;
a teu puro assopro se anime o hemispherio:
sê fiat ingente do labio de Deus.

Tens dom portentoso, tens vara fatidica;
com ella peroute da serra a aridez:
dos troncos e penhas, nos fazes, a nyriades,
as frescas grinaldas brotarem de vez.

As auras banhadas de doces effluvios,
que a ver-nos veste, divulguem alem;
das praias, affavel, o hymno oceanico
nas asas do ether nos manda tambem.

Em lide as abelhas, em cantico os passaros
oh! solta a cardumes nos campos do azul;
de trevos e violas pullulem os conoros,
de giesta as encostas, de junco o paul.

Derrama as essencias das urnas olympicas
nos avidos seios dos lirios em flor;
nas almas incende de archanjos o jubilo...
aos labios dá risos, ás mentes fulgor.

E deixa-me, oh! deixa, do cerro no pincaro,
fitando as alturas, os montes, o mar,
ao vento os cabellos, nos seios os fremitos,
teus passos, teus brilhos, risonho sandar!

Contente as collinas transponha precipite,
empós da harmonia, das flores e paz!
Na calma eu conceda se vingou meu cerebro
dos daunos que a lida continuo lhe traz.

Percorra as campinas, enlevo da infancia,
por entre os affagos da aragem de abril;
mo penda anhelante na veia recondita,
renove as venturas da idade infantil.

No vasto recinto dos olmos de scenlos,
a esmo enramados de rosa e jasmims,
no solo retinto da languida anemone,
á tarde me assente nos molles coxins.

E frua, em delicias, a extremo fragrancia
que o bosquê rescende, pujante em vigor;
na estancia me interne do almo silencio,
me sinta na zona d'um mundo melhor.

E em vendo que o orbe, qual templo de nupcias,
enfloras e acinges d'uns mysticos véos,
te acclame do eden ridendo blandicia,
o creia vestib'lo dos paços de Deus.

MANOEL MARIA FRUCTUOSO.

Secção Bibliographica

Historia de Pio IX. — Encomio a Camões. — Historia popular dos Papas. — Bibliotheca do povo e das escolas. — Uma lembrança. — As nossas desculpas.

Acaba a livraria Teixeira de Freitas de espalhar o primeiro fasciculo dos tres que formarão a *Historia de Pio IX*, d'esse Pontífice que foi o que mais longa vida tivera de entre todos os descendentes de S. Pedro, e cujo pontificado, preñado de acontecimentos grandiosos, tanto serviu para affirmar o nada que são os poderosos da terra contra uma instituição toda divina, e que se escora na sua mesma fraqueza. Na sua fraqueza, sim; porque sendo os desejos da impiedade aniquilar, fazer desaparecer o Papado, este, sem Estados, sem tropas, sem a protecção de nenhuma nação christã, desalia as iras demagogicas e atheias de todos os revolucionarios do mundo, e, firme, impavido em meio de uma cõrte desarmada repete as mesmas palavras que desoito seculos teem escutado: — *Non possumus!*

A *Historia popular dos Papas* que a mesma livraria editara, seria um bello e magestoso edificio erguido ao Papado e á Igreja, mas seria um edificio grandioso a que faltasse o remate; a *Historia de Pio IX* é a cupula magestosa d'esse edificio. Porque, como diz Chantrel «o Pontificado de Pio IX será por certo um dos mais memoraveis da historia; resume, para assim dizer, todos os extremos, os triumphos e as humilhações, as alegrias e as dores, as aclamações e os ultrajes; é a exacta representação da vida da Igreja, que reproduz as phases da vida do Salvador.» Deixemos á imprensa catholica do paiz o fazer os encomios que uma tal obra merece e limite-mo-nos por emquanto a transcrever os titulos das diversas partes em que se divide este fasciculo que temos presente.

Duas palavras do traductor. — Introdução. — I: Duas vezes mãe. — II: A Providencia. — III: Modelo dos padres. — IV: Aprendizagem apostolica. — V: Modelo dos bispos. — VI: A eleição. — VII: Pio IX foi em Roma como fora em Spoleto e Imola. — VIII: Primeiros tempos do pontificado de Pio IX. — IX: Principio da Revolução romana. — X: A revolução romana.

— XI: Ubi Petrus, ibi Ecclesia. — XII: Em Roma.

Por aqui podem avaliar os nossos leitores do que seja esta obra, que formará o 4.º volume da *Historia popular dos Papas*. Aos que possuem esta devem completal-a, e aos que a não tem e quizerem simplesmente a historia do Pontificado de Pio IX apressen-se em assignar, que de certo se não arrependirão. Cada fasciculo de perto de 130 paginas em 4.º a duas columnas custa 300 réis para os assignantes do *Progresso Catholico*, e 400 réis para os que o não são. Ha uma edição superior, como a houvera dos tres primeiros volumes da *Historia popular dos Papas*. Como brinde aos assignantes do *Progresso Catholico*, o editor offerece um exemplar gratis em cada 3 assignaturas.

— Sempre que o distincto professor de Braga, o ex.ºm dr. Pereira Caldas, enriquece as letras patrias com mais uma producção sua, mais um motivo temos nós para confessar o nosso reconhecimento pela alta consideração que merecemos ao nosso illustre e douto conterraneo, honra da moderna litteratura e d'este bello torrão que lhe foi berço.

A preciosa offerenda com que nos mimoseara s. ex.ª e que penhoradissimos lhe agradecemos é um folheto luxuosamente impresso com o titulo: — *Encomio a Camões, n'uma poesia hespanhola de D. José Lopez de la Vega em 1855.*

E' antecedida a formosa poesia d'um preambulo onde s. ex.ª mostra mais uma vez os profundos conhecimentos que possui, a rara lucidez do seu espirito para nos dar, em rapidas divagações, noticias abundantissimas, que seria raro encontrar-se a não ser folheando carcomidos documentos.

A mais da importancia litteraria da obra, importancia que nós não podemos bem avaliar, acresce ainda a circumstancia de se fazer uma tiragem unicamente de 150 exemplares: 50 em papel de cõr. e 100 em papel selecto; o não se expor um só exemplar à venda, e sermos nós contemplados com um dos exemplares de papel selecto. Redobra, pois, o nosso reconhecimento para com o auctor do *Encomio a Camões*, e como não sabemos esquecer favores de tanta monta aqui o deixamos bem patente.

— Acerca do *Historia popular dos Papas* edição da livraria Teixeira de Freitas diz a *Aurora do Cavado* o seguinte:

«*Historia Popular dos Papas.* — Recebemos da Livraria do snr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, e agradecemos os fasciculos 7 e 8 da excellente «*Historia Popular dos Papas* desde S. Pedro até nossos dias», por J. Chantrel, veridica da ultima edição franceza, pelo sr. Antonio José de Carvalho. Já por mais que uma vez aqui temos feito justiça a esta

obra, fallando com o louvor merecido da sua alta valia e larga importancia. Pelos dous fasciculos agora recebidos não havemos que modificar o nosso juizo, antes n'elle mais nos confirmamos, motivo porque não havemos a menor duvida em recommendar a aquisição da obra a todos os nossos leitores e sobre tudo ao clero.»

— Com o titulo de *Bibliotheca do Povo e das escolas* principiou a publicar-se em Lisboa uma collecção de livrinhos de instrucção. Ao editor o snr. David Corrazzi agradecemos os dois n.ºs que recebemos com o titulo — *Historia de Portugal e Geographia Geral.*

Lembramos aos nossos leitores, e com especialidade aos parochos para brindes ás creanças por occasião da primeira communhão, e ás senhoras para marcar as orações nos seus livros de devoção, uma formosa collecção de estampas que a livraria Teixeira de Freitas recebeu de Paris. As gravuras são d'uma finura admiravel, as orações no reverso são em portuguez e é interessante a edição por sua variedade.

Custa cada duzia 500 réis francos de porte.

Pedimos desculpa aos snrs. editores que nos enviaram livros e que aqui não mencionamos. O espaço não chega para mais. Até ao numero seguinte.

F. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

Felizmente o Porto tem, como teve sempre, e como hade ter em todos os tempos, catholicos verdadeiros, denodados soldados, alistados na milicia de Jesus Christo, n'esse exercito famoso que atravez desoito seculos, tem passado ovante por meio das hostes inimigas sem manchar o sacrosanto pendão da sua fé — a cruz!

E á testa d'esse exercito acha-se actualmente um dos mais benemeritos filhos de Portugal, um dos mais destemidos soldados que combatem em prol da Igreja, o ex.ºm snr. Conde de Samedães.

E foi para affirmar a sua gratidão para com o nobre e esclarecido escriptor que os portuenses se dirigiram á sua presença em numerosa e magestosa manifestação religiosa para lhe offertarem uma *penna de ouro*, «symbolo augusto dos insignes e egregios trabalhos do nobre Conde em defeza da Igreja e dos seus principios e bem assim uma exten-

sa e notavel Mensagem, firmada por consideravel numero de catholicos d'ambos os sexos, de todas as posições sociaes, synthese altamente expressiva dos sentimentos e das crenças de verdadeiros portuguezes que contemplan a sua patria humilhada e oppressa sob o jugo satanico da Revolução, mas valorosamente defendida por um dos seus mais nobres e benemeritos filhos.»

Bem hajam os nossos irmãos da cidade da Virgem que assim se apresentam com honrosa altivez perante os poucos coripeus do atheismo, que julgam bastante a sua vontade para mudar os sentimentos religiosos de um povo.

Os defensores da liberdade n'este nosso paiz tem *partidas* que fazem rir a gente. Quando o revd.º padre Martins Capella fez um discurso na Academia, celebrado pela Associação Catholica de Braga, disseram por ali que s. revd.ª berrara do alto da tribuna *que desejava as cabeças de todos os liberaes*. Ora isto aqui para nós, leitores, que conhecemos o estado em que trazem os negocios os taes liberaes, podemos saber que de nada serviriam aos padres, aos jesuitas taes cabeças, que, diga-se a verdade, não regulam lá muito bem. Que os liberaes quizessem as cabeças dos jesuitas, que trazem os seus collegios admiravelmente administrados, que em todos os ramos da sciencia dão provas de seu saber profundo, de um estudo aturadissimo, isso ainda se comprehende; mas os jesuitas quererem as cabeças dos liberaes!!... Quem o acredita!?

Depois disseram que um esclarecido sacerdote de Setubal vociferara trinta mil cousas feias contra os liberaes, e tanto disseram, que o ecclesiastico calumniado dirigiu ao administrador do concelho a seguinte carta para que chamamos a attenção dos leitores:

«Ill.º e Ex.º Sr.

Administrador do concelho de Setubal.

Sain já mais d'uma vez publicada a representação dirigida a v. ex.ª, na qual sou accusado: De ter no dia 20 de fevereiro «envolvido a materia religiosa com a profana, fazendo da tribuna sagrada logar de accusação publica contra a imprensa e os homens de idéas liberaes; dizendo que os liberaes são cães, porcos, imundos, doutores improvisados, trapieiros.»—De ter dito «que os liberaes estavam escommungados; que nem os padres, nem os bispos, nem o mesmo Pontífice tinha poderes para os absolver. E que de todos aquelles, que se chamam liberaes, os bons catholicos deviam desviar-se, virar-lhes as costas, e não ter com elles contractos, negocios ou rela-

ções de qualquer especie.»—De ter «excitado o povo á revolta contra todos aquelles que não são adeptos do jesuitismo, e sim verdadeiros liberaes e adeptos sem fingimento da doutrina sacrosancta de Christo.»

Ora, ex.º sr., em vista de tão detestaveis calumnias, e de tão incrível arrojado em dar-lhes publicidade, eu como padre Catholico Apostolico Romano; como director d'um collegio legalmente estabelecido; como subdito portuguez respeitador das leis da minha patria e dos poderes constituídos, reservando para o tribunal competente a defesa da orthodoxia da minha doutrina, perante v. ex.ª protesto solemnemente contra todas essas accusações, declarando-as falsas, calumniosas, e destituídas de todo o fundamento. Não attribui, não podia nem tive intenção de attribuir aos liberaes algum d'esses epithetos; nem sequer proferi uma unica vez a palavra liberaes. Não disse, nem podia dizer, que os liberaes estavam escommungados; e muito menos que nem pelo Papa podiam ser absolvidos. Pois *o ser liberal*, no bom sentido da palavra não é nenhum peccado; e dando que o fosse, ninguem poderia negar ao Papa o poder de absolver este, assim como todos os mais peccados. Não excitei, nem podia excitar o povo á revolta, pois em mais de 100 sermões que tenho prégado em Setubal nas suas quatro freguezias, limitando-me a prégá-la doutrina catholica, sempre que se deu occasião exortei os meus ouvintes a obedecerem ás leis, e a respeitarem com submissão todas as auctoridades constituídas; como podem attestar, e de facto attestam centenas de cidadãos de todas as classes.

Setubal, 7 de março de 1881.

Padre Bento Lopes Pires Rodrigues.»

Muito bem sabem manejar a arma da calumnia estes senhores!

Em Italia, por exemplo, o jornalismo liberal apresenta-se mais francamente, dizendo quaes as suas aspirações.

Il Corrier Commerciale, entre outras muitas cousas bonitas diz o seguinte:

«A nossa theoria, compartilhada por outros periodicos, é condemnar ao ostracismo todos os jesuitas com o seu habito, e a religião que os gera. Demoli as igrejas, supprini a imprensa santa, convertei collegios e conventos em casas de trabalho, queimae Christos e Nossas Senhoras, e Santos, e pluviaes, e cotas, e todo o luxo faustoso e theatral do christianismo degenerado; expulsae das nossas terras padres, frades, freiras, beatos, beatas, e quem cheirar a jesuitismo; e então sereis uteis a vós, á nação, á liberdade, á independencia e a toda a humanidade; mas eliminar mil para tolerar cem mil, supprimir uma casa, um convento para

permittir quinhentos, parece-vos cousa justa e util?»

Isto já nós sabiamos, e para quem quizer ficar sabendo o que querem os taes meninos em nome da liberdade leia o *Liberalismo desmascarado*, livro ha pouco editado em Guimarães e n'elle verá como, nos dois volumes, o Revd.º Padre Ramier, e o Vimarauense traductor e annotador d'esta obra monumental, põem a calva á mostra aos taes liberaes de todos os feitios e côres.

O que vale é que estes maganões, quando sentem os pés tocar nas bordas da campá mudam de parecer, e como que sentem o remorso do mal praticado. E' prova do que deixamos dito o dizer-nos um jornal que «um dos sabios mais celebres de Paris, mr. Littré, o grande racionalista, por cuja causa se retirou da academia franceza monsenhor Dupanloup, não podendo dedicar-se ao trabalho pelo estado desesperado da sua saúde, tem pensado muitas vezes na morte, cujos passos pôde contar como medico que é. Diz-se que ultimamente, possuido da maior tristeza, pronunciara estas palavras: «Que ditosos são aquelles que teem fé em momentos tão dolorosos!» Ha algum tempo a esta parte que está constantemente a seu lado uma religiosa, e é d'esperar que este anjo de caridade fará chegar á sua alma as consolações da fé.»

Uma religiosa junto de M. Littré!! Porque não chamou para o consolar nos ultimos dias uma d'essas mulheres *emancipadas* pela sciencia hodierna, uma mulher formada em medicina? E' que M. Littré conhece os fins que a Revolução tem em vista ao arrancar a mulher do seio da familia, onde é rainha, para a levar ás academias. Desgraçada da mulher que, engodada pelos palavriados dos modernos demolidores, se esquece da alta missão que tem a cumprir como filha, esposa ou mãe, e aspira a occupar um lugar destinado aos homens.

Um exemplo bem frisante é o caso que modernamente se deu em Lisboa, e que os jornaes narram n'estes termos:

«Suicidou-se hontem na Associação Academica, dando um tiro de revolver no peito, uma infeliz senhora que cursava as aulas do lyceu para seguir a carreira de medicina. Parece que a falta de meios a levou a esse desesperado extremo. Chamava-se Maria Clara da Silva Guimarães, de 27 annos, solteira, filha do snr. Antonio Joaquim da Costa Guimarães, que tivera uma pharmacia na rua da Rosa.»

Eis ao que levam a mulher os que prégam a sua *emancipação!*

Emancipar a mulher! Quem pode emancipal-a melhor do que o fez o Christianismo? Quem pode ornar-lhe a fronte com uma corda mais refulgente do que

essa que Jesus Christo lhe offertou quando a fez igual ao homem, quando a apresentou, em meio da corrupção e da devassidão que inundavam a Roma dos Cezares, como o typo da pureza, como o symbolo da perfeita realza que presidiria em meio da familia, onde até então fora escrava?

Mas é que uma das satanicas intenções da Revolução é acabar com a familia, tirar d'ella a mulher, leva-la ás academias ou aos lupanares, e depois, quando a veja desgraçada, soltar uma gargalhada que seja um insulto á humanidade ultrajada.

Não querem a familia, fazem-lhe guerra de morte porque, como diz o auctor do *Matrimonio*, «a familia é a mystica e inexplicavel união dos mais ideaes sentimentos da humanidade; é o templo grandioso e sublime que se ergue magestoso sobre a base *immorredoura* da união conjugal e dos vinculos indistinctos do amor paterno e da piedade filial; debaixo de suas altas abobadas vive e cresce o amor em suas mil formas distinctas, em seus mil variados matizes.»

Por isso a não querem, e o meio de a destruir é tirar-lhe a mulher! Mercê de Deus, não o conseguirão, porque a mulher, rainha ha dezoito seculos, não quer abdicar seus direitos, não quer da sua corôa de monarcha fazer cadeias de escrava.

Os filhos da Madeira não se esqueceram do dia em que S. Ex.ª Rev.ª o Snr. D. Manoel Agostinho Barreto chegou áquella ilha, e tomara conta do rebanho que lhe fora confiado. A este respeito diz a *Verdade*:

«O dia 22 de fevereiro—Celebrou-se n'esta cidade o quarto anniversario da chegada a esta ilha de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo d'esta diocese.

De manhã fizeram os alumnos do Seminario episcopal a transferencia da sua capella para um recinto mais amplo. S. Ex.ª Rev.ª fez a benção, celebrou Missa resada e ao Evangelho fez uma exhortação aos alumnos do Seminario, discorrendo sobre a piedade christã e o sentimento religioso; tão necessarios ao sacerdote.

Todos os alumnos internos e externos receberam a sagrada communhão.

No fim da Missa cantou-se um *Te Deum* e S. Ex.ª Rev.ª deu a benção com o SS. Sacramento.

De tarde cantaram as irmãs da caridade e as orphãs, na capella da Penha de França, a Ladainha, o *Tantum Ergo*, a que assistiu S. Ex.ª Ex.ª Rev.ª

N'aquelle dia recebeu o Prelado em sua casa muitas pessoas que o foram felicitar.

A' noite esteve illuminada a casa da

Associação Catholica em signal de rego-sijo.

Os bons filhos da Madeira sabem apreciar a grande ventura que o ceo lhes concedeu, dando-lhes tão illustre Pae espiritual.»

Vingaram as tentativas do nihilismo na Russia. O autocrata de todas as Russias, o mais poderoso dos potentados da Europa, cahiu ferido pelos estilhaços das bombas, contra as quaes não poderam nem as fortes couraças de seus cavalleiros, nem os cerrados cordões da sua infantaria.

Contra as machinações infernaes, tentadas pelos inimigos dos reis e de Deus, só pode a consciencia, e essa não fez o fallecido imperador, durante o tempo em que teve a seus pés duzentos milhões de subditos, com que se voltasse para Deus.

Firmava todo o seu poder na força numerica de seus esquadões, mas não apoiava essa força no direito que vem de Deus aos reis, e sob o qual governam sobre os povos. A tyrannia que fazia pairar sobre a Polónia; as deportações; as prisões cheias de padres catholicos, que não tinham outro crime senão o de serem fieis observantes dos dictames do representante de Christo; as lagrimas de tantos infelizes; as saudades do homem, que chorava na Sibéria a ausencia dos seus, tudo isto não faria trasbordar o calix das misericordias divinas?

Deixou de existir o Czar Alexandre II! quando regressava em berlinda, da casa da gran-duqueza Catharina, acompanhada de um ajudante, e escoltado por um esquadão de cossacos. Na rua estavam uns homens, fingindo que variam, e ao chegar proximo d'elles a carruagem, lançaram a primeira bomba que despedaçou duas rodas da carruagem, indo tambem ferir varios cossacos da escolta. O carro inclinou-se immediatamente para um lado e o imperador gritou ao cocheiro que parasse, visto elle fustigar furiosamente os cavallos para afastar o soberano do theatro da catastrophe.

Quando Alexandre II, depois de abrir a portinhola, punha o pé em terra, lançaram-lhe uma segunda bomba, que causou os estragos já conhecidos; e ao mesmo tempo o imperador, ajudante e dous soldados da escolta cahiram por terra.

Concorreu logo muito povo ao local do sinistro, e, apesar da grande confusão, foram presos quatro dos fingidos varredores.

O czar conseguiu ainda levantar-se e pronunciou algumas palavras, declarando que não podia suster-se de pé. Collocaram-o por isso em um trenó e com todo o cuidado conduziram-o ao Palacio de Inverno. Ao subir a escada sobreveio-lhe uma hemorragia perdendo

logo os sentidos, pelo que algumas pessoas, desde logo o julgaram morto.

O ferido respirou com violencia e abriu os olhos, aproveitando-se essa occasião para ministrar-lhe os sacramentos que pouco antes pedira com verdadeira anciedade; mas pouco depois deixou de pulsar e Alexandre II exhalava o derradeiro suspiro. Todos os membros da familia imperial rodeavam o leito do enfermo quando o arcepreste recitou o officio dos defuntos.

Eis a allocução do novo imperador da Russia aos seus subditos ao ser acclamado:

«Nós, por graça de Deus, imperador e autocrata de todas as Russias, rei da Polónia, grão-duque da Finlandia, etc.

Fazemos saber a todos os nossos fieis subditos, que o Todo-Poderoso, por decisão impeneiravel, quiz submitter a Russia á cruel prova, chamando a si o imperador Alexandre II, benemerito d'este paiz.

O imperador succumbiu por fim ás torpes machinações d'aquelles criminosos que tantas vezes attentaram infructuosamente contra a sua preciosa vida. Se commetteram estes attentados é porque viam no czar o protector e apoio da grandeza da Russia e da prosperidade do povo.

Inclinemo-nos perante os designios imponderaveis da divina Providencia e elevemos as nossas preces ao Todo-Poderoso para que conceda á sua alma todo o repouso de que careceu quando estava no seu corpo.

Ao subir ao throno, herdamos dos nossos antepassados e acceitamos o pesado encargo que Deus nos impõe, contando com o seu poderoso apoio para que não sejam infructuosos os nossos esforços. Perante Deus renovamos o juramento sagrado que nosso pae fez, segundo o testamento dos seus antecessores, de velar toda a vida pelo bem estar, poder e honra da Russia.

Ordenamos aos nossos fieis subditos que nos jurem fidelidade.»

Que Deus dê melhores dias á Russia, e á Polónia especialmente é o que nós desejamos.

Os amigos da *liberdade* no Porto, quizeram de novo entrar em scena, mas tiveram medo ás bayonetas. Já se vê que estes palermas só se fazem conter por meio da força. Empregue-a a auctoridade, que só assim salvará a vida da nação.

Vae longa esta revista; pomos ponto.

J. DE FREITAS.

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS